

## ■ POLÍTICA

# FHC diz que Brasil não é mais País da inflação e corrupção

por Maria Inês Nassif  
de Rosana

O presidente Fernando Henrique Cardoso deu, ontem, a tônica do discurso pré-eleitoral do governo: "municipalizou" as eleições de outubro e, numa referência aberta aos governos anteriores, afirmou que encontrou "um País como se fosse um queijo suíço" e que o hoje o Brasil não é mais "o país da inflação e da corrupção".

Após ter participado da inauguração da Usina de Rosana, nos limites entre o Estado de São Paulo e o Paraná, ao lado do governador paulista, Mário Covas, Fernando Henrique colocou em prática recente estratégia definida pelo governo, de neutralizar ao máximo o desgaste de uma derrota de seu candidato em São Paulo, o senador José Serra (PSDB). "As eleições são municipais, o nome já diz isso. O povo quer discutir os problemas locais", afirmou o presidente. "Não sou muito qualificado para opinar sobre as eleições, porque estou realmente preocupado com os problemas nacionais", concluiu.

No discurso da inauguração da quarta e última turbina da Usina de Rosana, Fernando Henrique assumiu a ofensiva: "Encontramos o País cheio de buracos. O País estava até sem capacidade de pensar quais eram os seus problemas", afirmou. Em seguida, disse que seu governo conquistou a estabilidade econômica e parte para o crescimento.

Disse que hoje existe a confiança dos investidores estrangeiros, anunciou uma "revolução branca" na educação e o seu empenho pessoal para aprovação da Contribuição Provisória de Movimentação Financeira

(CPMF), que financiará a saúde a partir de dezembro. "Houve um empenho imenso para a saúde e a educação, mas com o cuidado de não desperdiçar recursos na corrupção e na burocracia." A afirmação respondeu genericamente aos seus opositores, que o acusam de não dar atenção à área social, e em particular ao próprio ministro da Saúde, Adib Jatene, que tem acusado o governo de não dar atenção especial à sua área, enquanto privilegia o sistema financeiro.



Fernando Henrique Cardoso

No palanque, Fernando Henrique estava acompanhado do afilhado Mário Covas, dos ministros Sérgio Motta, das Comunicações, e Raimundo Brito, de Minas e Energia, dos governadores Jaime Lerner (PDT), do Paraná, e Wilson Martins (PMDB), do Mato Grosso do Sul, e de secretários estaduais e deputados federais e estaduais. Em ambiente tucano, foi o dia das respostas aos adversários. "Esta festa resgata a recuperação do estado", disse Covas, durante o almoço oferecido à comitiva, composta ainda por empresários ligados ao setor ou possíveis interessados no projeto de privatização do sistema energético. Durante o evento, Covas anunciou que as empresas do estado estão saneadas, e as dificuldades do governo hoje estão limitadas à administração direta. E rejeitou os números veiculados de aumento da criminalidade no estado.

Munido de dados, coube a Covas receber o líder do Movimento dos Sem-Terra (MST), José Rainha, que, junto ao presidente do Sindicato Rural de Presidente Prudente, Domingo Ishii, tentou, sem sucesso, uma audiência com o presidente Fernando Henrique. "José Rainha? Nem sei quem é", ironizou o presidente, quando indagado se iria recebê-lo. "Tem gente que tem palavra de ordem o tempo todo. Ali é uma questão de política que a gente tem de enfrentar na urna", afirmou o presidente.

Se a pressão do PSDB funcionar e o presidente Fernando Henrique Cardoso não receber em audiência o candidato do PFL no Rio, Luiz Paulo Conde, pior para ele e para os tucanos. A possível derrota do tucano Sérgio Cabral Filho passará a ser também uma derrota do presidente, que só tem a ganhar com a vitória de candidatos de continuidade, uma tradução do apoio popular à idéia da reeleição, informou a Agência O Globo.

Quem diz isso, com astúcia de veterano e desenvoltura de quem está por cima, é o próprio Conde, reconhecendo que por sua causa Fernando Henrique está vestido numa saia justa: "Sei que é embaraçoso, mas ele pode ficar à vontade, pois nem fui eu quem pedi esta audiência. Foi o deputado José Jorge. Se ele não me receber, quando eu for prefeito continuarei apoiando o Real e a reeleição. Continuarei sendo aliado do mesmo jeito. Ruim é que isso o fará sócio da derrota de Sérgio Cabral Filho. Além do mais, minha eleição e a de candidatos em situação parecida reforçam a idéia da reeleição. O eleitor está dizendo que, se pudesse, reelegeria os prefeitos que resolveram seus problemas imediatos".

Contra o qualificativo de neófito (ou a metáfora de que ele era um poste meses atrás), Conde recorda sua militância no Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) e na Federação das Associações dos Moradores do Rio (Famerj), a vida acadêmica e o trabalho na prefeitura. O fato de nunca ter tido vida partidária ele aponta como um reforço à sua tese de que o eleitor optou pela política de resultados, baseada no julgamento da eficiência. Não se interessaria mais pelos "ismos" nem por partidos, mas apenas pela capacidade gerencial. Por isso traduzem em apoio a ele o desejo de que César Maia continue prefeito.

Conde duvida que o governador Marcello Alencar consiga deter o declínio de seu candidato e ironiza o discurso mais agressivo adotado pelo adversário: "No início, o Sérgio confundiu o eleitor, dizendo que iria continuar as obras de César Maia. Em pouco tempo a confusão se desfez e eu o ultrapassei. Rasgando a fantasia agora, ele vai cair mais ainda", diz Conde, acusando Cabral de hipocrisia, por dizer que nem foi implementado ainda no Japão o trem-bala que ele, Conde, promete. "Na primeira versão do programa de governo de Cabral, o trem-bala estava lá", diz o pefelista.

## Conde quer ser recebido por Cardoso